

Ovarola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—* Assignaturas*—
Semestre 250 reis
Com estampilha 300 reis
Avulso 30 reis
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Proprietario e Editor
Antonio Augusto Veiga
Composição e impressão, Typ. «Ovarense»—Ovar

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Bello
REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes
ADMINISTRADOR—Manoel Alves Correia

Os originaes publicados ou não, não se restituem.

O PROGRESSO VAREIRO

IV

Recebemos pelo correio a seguinte carta, a que gostosamente damos publicidade:

«... Sr.

Permitta que eu, humilde leitor do seu jornal faça uns leves reparos ao seu III artigo sobre o progresso da nossa terra.

Não me parece justo tanto aligurar de responsabilidades ao senado, para as fazer cahir com todo o seu peso, que não é pequeno, sobre os municipios vareiros.

Não! o seu a seu dono. Desde o momento em que um povo delega o seu governo com todos os encargos inherentes, n'uma entidade que julga competente, as responsabilidades respectivas cabem unicamente a essa entidade. Evidente! Porque ou essa entidade conhece o cargo que vai exercer e o meio onde, ou não.

No primeiro caso está senhora de todas as difficuldades e ao consentir na sua eleição para exercer as funcções de dirigente, como que se compromettem com o povo a vencel-as, custe o que custar, para que a sua administração seja quanto possivel fecunda em bens.

O contrario, cedendo a compadrios ou outras macabras influencias, é trair a sua missão e tornar-se justamente credora do odio publico; é fazer cahir sobre a sua frente apunhamas de jus-

ta reprovação da opinião publica; é ganhar jus aos sli-gmas da historia quando ella tiver de produzir os seus juizos inexoravelmente rectos.

Clarissimo. Se, porém, essa entidade tem a consciencia da sua incapacidade administrativa por falta dos necessarios conhecimentos, o crime de se intrometer em governanças, bradaria ao ceo e a sua responsabilidade seria mais grave ainda.

O povo então está tão convencido d'isso que não trepida um instante em apontal-a com o dedo, não como sua cumplice, mas como unica responsavel dos erros, desleixos e nocivos favoritismos, que por ahi constantemente se commettem.

E com razão. Se não, diga-me V. quem tem ahi obstado com a sua influencia pessoal ou com empenhocas, que a camara administre bem os dinheiros publicos? trate do aformoseamento dos nossos largos e praças? que ella ahi levante um edificio para mercado, funde escolas, ou crie uma biblioteca? Bem sabemos que é ociosa a pergunta; mas, se nada d'isso se tem feito, nem se pensa em fazer, é porque a camara não tem querido, nem quer.

E serão isso, por ventura, coisas de somenos importancia, para que descure d'ellas? Não de certo, nem pode haver desculpa para semelhante desleixo ou negação.

O largo da Estação, por exemplo, podia ser hoje um bello parque, se o tivessem arborizado e tratado como elle era digno; podia ser já hoje um local frequentado por gosto.

E porque é que não passa elle ainda de uns extensos metros quadrados de areias gordas, aborrecidas de pisar?

Nem a desculpa d'uma grande despesa se poderá

alegar, porque seria pretender encontrar na falsidade uma boa razão!

E tudo o mais assim. Por aqui me quedo, podendo levar mais longe as minhas considerações, mas o que ahi fica já é bastante, talvez uma demazia para a paciencia de V.

Ovar, 23-4-909.

De V.

Um «leitor»

Não deixa de ter razão «Um leitor». Varre muito bem a sua testada, não ha duvida. E' pena que todos os nossos compatricios não tenhamem sua consciencia aluz clara d'essas verdades, porque então as nossas urnas haviam de fallar para o futuro d'um modo inteiramente novo; porque então ninguém elegeria quem houvesse de deferir as suas pretensões lesivas do bem publico, mas sim quem desse esperanças seguras de escrupulosa administração.

Marcello.

CARTAS

III

Aos republicanos vareiros

Cidadãos:

O que quereis? Que sonhos povoam os vossos corações e os vossos cerebros? A Republica?!

Que tendes feito, que fazeis p'ra conseguir? A vida é a lucta, a gloria doirada do vencedor aclamado por milhões de bocas, a humilhante situação do derrotado, fugindo ás pedras, aos insultos e aos assobios do populacho. E' a dominação do forte, a prepotencia brutal, a tyrannia absurda e sanguinaria; é a vergonha do vencido, o calculo, a astucia, a ironia, o odio e a revolta. A vida é um calvario, agreste, cortante, ingrata, e o vencedor é o martyr a quem não faltou a energia, o vigor e a mocidade do espirito. E vós que soes?

A barguezia que dorme pesadamente os seus sonhos, sem a alma do sacrificio que faz prodigios, sem o sarcasmo que derruba seculares preconceitos, sem o azorrague do pamphleto que esfarrapa, desnuda, humilha, affronta e aniquila. Viveis d'um sonho e a sonhar deixaes correr as horas da vida, sem um clamor vibrante de protesto, sem uma obra larga de propaganda duradoira e fecunda, sem a criação de qualquer coisa que fique como um padrão do vosso honrado exforço e marque o ardor das vossas convicções democratas.

Nem a escola livre, moderna, racional, sem os trambolhos do fanatismo, dos dogmas politicos e das mentiras sociaes, nem a conferencia que escurece preconceitos com a luz viva dos principios demonstrados e insophismaveis, nem o comicio que é o chamamento do povo ao reconhecimento dos seus direitos e deveres, nem o jornal que seja o sarcasmo que arreperia, o estadulto que se impõe, a verdade desgrenhada que amordaga!

Nada d'isto tendes, nem fazeis. Na politica, como nas religiões e na vida individual, guerrear um regimen é ser a intransigencia, a revolução e o sacrificio; e fallar e escrever com o cerebro, com a alma e com os nervos em vibrações extranhas, é quasi não ter amigos, não ter familia, nem parança.

Hoje, o partido republicano já não discute, desmorrana, já não convence, fascina, e, para isso,

At 1399 Pagou a quantia de cento e vinte reis de sellos, e assim publicados neste jornal no N.º 29 que fica amanhã no livro Competente aff. Ovar 29 de Maio de 1909



Handwritten signature and name 'Valente'.

para conseguir tal, são necessários a força titânica das grandes verdades proclamadas e o deslumbramento garrido das audacias intemeratas. Cada jornal seu tem de ser o pamphlete, o chicote que deixa o inimigo em lençóis de vinagre, a alma ardente d'um apóstolo que inflame, arrebate e electrise todas as almas que lhe venham ao caminho, fascinando-as, dominando-as para a hora solemne do ajuste de contas.

E o vosso jornal o que é?
E' a digestão pachorrenta das intelligencias satisfeitas, o benedictino commentario dos erros da monarchia, sem a galhardia bizarra d'uma pimponice, sem palpitações febris d'almas revoltadas. E' o artigo de fundo burocratico, trabalhado ao serão com os pés nas pantufas, pesado como uma pouca vergonha, espartilhado como um loiro alféres de cavallaria.

E' a beliscadura na religião, nos costumes e nos atropellos da lei, timida como um olhar de religiosa noviça, gelada como beijos hypocritas de mulheres rivaes. Ora isto não é do vosso programma nem o vosso fim, esperando a revolução sem lhe preparar os aposentos, querendo a resurreição do povo sem o libertar da ignorancia que o peia, bestevalisa e acanatha.

A vida é a lucta e luctar sem desfalecimento é vencer. Trabalhar, matar-se a gente pela liberdade, é cobrir de flores a estrada da vida dos nossos filhos para que elles não sintam as agruras que soffremos e as algemas que nos torturam, e é sempre elevado, puro e santo, grandioso e bello como uma alleluia christã, sacrificar-nos por alguém, alguém que seja o sangue das nossas veias e a materialisação dos nossos sonhos. Defendi o vosso ideal e o povo—esse pária faminto sem eira nem beira—espancando as trevas da ignorancia, derribando as tutelas feudaes dos caciques e impedindo as torpes explorações dos mais legitimos direitos e regalias. Trabalhae, luctae por esse povo que quer a luz do saber e não a vê, que quer os hystericos abraços da sua noiva romantica, a liberdade, e não os consegue, como se elle fosse ainda o misero escravo de Roma ou o eunucho d'um grande harem, accorrentado à courella da horta, o guarda impassivel de baixas monstruosidades. Abri mais salas ao mestre-escola e ás creanças e ide pelas aldeias, evangelisar, semear o vosso crêdo sob as benções da natureza livre, aos beijos fecundadores do sol dos pobres, ou, então, feito catholicamente o signal da cruz e arrotadas plebeiramente as eguarias da ceia, voltae-vos para a parede e dormi o somno quieto e grande dos justos e dos indifferentes.

Saude e liberdade.

20—4—09.

João Madria.

N'um ramalheto

—*—

Se tu soubesses
Quantos desejos
Por dar-te beijos
Eu sinto em mim,
Vinhas, querida,
Trazer-me o rôsto,
Para com gosto,
Beijar-t'o emfim!

Mas... ai, não posso
Que estou distante!
Mas delirante
Beijo febril
Este raminho,
Que suspirando
N'elle te mando
Beijinhos mil.

Porto.

Pinto Ferreira.

Quinze annos depois

—*—

—DOLOROZA—

(à de Parma)

Chamava-se Doloroza, e nos seus olhos azues retratava-se fielmente a pureza da sua alma virgem.

Eramos os unicos habitantes d'umas aguas-furtadas. Eu occupava a mansarda da esquerda; duas habitações microscopicas e uma não menos microscopica cozinha aonde apenas cabia a minha gorducha porteira quando alli ia confeccionar as minhas refeições. Não era decerto um palacio, mas os meus modestos recursos não davam para mais.

No entanto, quantas vezes, e com que saudades me recordo d'aquella caza!

Doloroza vivia com sua mãe nas aguas furtadas do lado direito, onde reinava relativa alegria, a julgar pelo alegre semblante de Doloroza que, com os seus canticos e o constante tic-tic-tic da sua machina de cozer convertia o miseravel quarto em alegre mansão de fadas. A' hora do crepusculo vinha a minha encantadora vizinha, á pequena varanda inspecionar carinhosamente uns vasos com cravos que alli tinha.

Eu atrahido por misterioza força abandonava o meu tratado de anatomia, para lhe ir fallar ao mesmo tempo que saboreava um relles cigarro.

A nossa conversação era sempre a-mesma com pequenas variantes: «Que formosa tarde» «As suas lindas flores como estão? Os cravos já desabrocharam, minha bella e insinuante vizinha?

Gosta tanto do verão como

aborrece o inverno, não é verdade?

Agora está contente porque tem ali o seu jardim a florescer.

Mas... que lindo cravo ali tem!... se m'o desse?!...

E as suas delicadas mãos colheram-n'o logo, e offereceu-m'o com um encantador sorriso.

Quando se approximava a noite retirava-se, para recommear o trabalho á luz da candeia.

Pobre Dolorozal! dizia eu muitas vezes. E pobre pelo que? se ella era feliz com a sua pobreza?

Quantas damas ricas, não invejariam, apezar das suas fortunas, a tranquillidade da minha vizinha.

N'aquelle anno formei-me em medicina, e fui exercer a clinica para trinta leguas de distancia...

Passados quinze annos, tive de regressar, entregando os meus doentes aos cuidados d'um meu collega e dirigindo-me a Parma.

Quanto tempo sem te ver? Lembra-te da epocha em que juntos cursavamos as mesmas disciplinas?

Que tal? te tem corrido a vida? Tens muita clientella? A mim não me faltam...

Todas estas perguntas me dirigia, sem me dar tempo a responder a uma só, um meu antigo camarada, que estava na «gare».

Estou satisfeito por te ver! Sabia que vinhas, e vim esperar-te. Julgo que me darás o prazer de

vires a minha caza?

Ah! eu sou solteiro, e tu, pe-lo que vejo, rendeste-te a alguns bellos olhos? Vamos.

Depressa chegamos a casa.

Senhor Doutor, a creada da senhora D. Piedade acaba de sahir d'aqui, disse o creado que nos esperava. Que o senhor Dr. vá lá immediatamente. A sua senhora está mais grave.

Pobre pequena!—e logo dirigindo-se a mim—Queres acompanhar-me? Chegaremos a tempo de a ver morrer. Hontem o seu estado era desesperado. Já ves uma tuberculose pulmonar... Essa maldita vida!... Sabes?...

Entrem senhores. A instancias de minha ama fui chamar um sacerdote. Acaba agora de sahir.

Entrámos n'uma habitação debilmente alumada por uma lamparina.

Aos seus pallidos reflexos pude ver n'um leito, uma mulher, cujos contornos debuxavam-se, quaes fantasticas sombras no branco da sabana.

Com este se confundia a palidez do rosto.

Meu Deus! Doloroza! Se me não engano; Doloroza a minha antiga amiguinha!... O corpo da

ORAÇÕES D'AMOR

—*—

I

«Nossa Senhora existe?»

Nunca A vi,
Nem sei, ao certo, se Ella existe ou não,
Por isso é que eu te adoro só a ti,
S'nhora minha, da minha devoção!

A ti, linda mulher,
A quem minh'alma adora
Com fervor
E a quem meu peito quer
Por Amor.

II

Da janella do quarto onde eu habito
Avista-se uma estreita facha azul,
Por onde á noite passam as estrellas
Em direção ao Sul.

E eu ao vê-l'as, devoto, balbucio
Uma oração d'Amor e de desejo,
Que para ti me vem do coração,
No murmurio d'um beijo.

E' que eu julgo avistar entre as estrellas
Certa luz que me chega ao coração:
—A luz bemdita d'esse olhar que é causa
Da minha devoção.

Coimbra, Abril de 909.

Fernandes d'Almeida.

A Perola

enferma estremeceu ao ouvir este nome, e entreabriu os já quasi apagados olhos. Viu-me e tornou-se por um momento em roza a sua cadaverica pallidez.

Dolorosa sim, me disse ella. Minha mãe morreu... eu só... a miseria!... a fatalidade!... ah! quanto soffri!...

Um ataque de tosse embargou-lhe a voz. Aquelle esforço matou o sopro da vida que ainda lhe restava, e aos seus labios formozos asomou uma espuma sanguinolenta.

Estava morta—e eu chorei... Choras? perguntou-me o amigo. Não pude rezistir a tanta dor.

E com effeito, aquella mulher, que hoje nem por sombras se parecia com aquella outra alegre e jovial, formozas e encantadora, que eu conheci quando estudante, comoveu-me; e com a minha commoção, não senti que as lagrimas me deslizavam pelas faces, quasi tão pallidas, como as faces da minha querida amiga! Essas lagrimas serviram de oração funebre à que n'outros tempos se chamou Dolorosa, e que morria agora, deixando por ultima recordação um nome que não era o seu—Piedade!

Porto.

Noemia.

Devaneios

O sol já havia nascido um pouco antes, e, quando abri a janella de meu quarto um mixto d'aroma e luz o invadiu por completo.

A manhã era formosa.

Tão formosa como costumam ser as manhãs da primavera, essa dama gentilissima que todos os annos nos traz violetas no regaço, canticos de rouxinol na bocca rosada, calor e vida no olhar luminoso.

E, não sei se por estar ante este quadro encantador deliciada pela opulenta orquestração da natureza tocando a alvorada, alli fiquei, na minha janella, absorta na magnificencia divina; mas o pensamento, qual borboleta volitando no espaço, adejou sobre coisas mil todas ellas gratas ao coração, pois estava sob o imperio d'esse maravilhoso encanto! Como disse, pensei em muitas coisas, mas nenhuma me entristeceu a alma como quando fixei em ti, mãe querida, objecto constante de extremos affectos. Sim! a idea de que um dia me virias a faltar, dilacerou-me o coração e enegreceu o quadro.

Ao tympano já o canto do rouxinol não tinha os mavios harmoniosos da sua garganta previligada, a retina não reflectia as fulgurações diamantinas do bello sol, e a pituitaria não chegavam os aromas das florinhas, esses pequenos seres encantadores e inanimados!

Mas, afastou-se para longe esse pensamento que tanto me tri-

turava o coração e os meus labios até alli cerrados, entreabriram-se, n'um sorriso, ao ouvir uma voz balbuciar: Desperta filha querida! Tua mãe viverá e todos os seus sorrisos serão para ti!...

Uma brisa fresca acariciando-me o rosto, fez-me erguer a cabeça e como que acordando d'um profundo somno, chorei de felicidade por a encontrar junto de mim, sorridente e boa como boa é minha mãe!

Ovar, 22—4—909.

De Parma.

Postaes masculinos

A' menina Maria Arminda d'Almeida Serra, pelo seu anniversario.

Sob o sol da Primavera, estação das lindas flores, desabrocham açucenas, Lyrios, Rosas e Amores.

E' com estas flor's singellas que se enfeitam a Virgindade. (Nada mais aqui me cabe) —Um porvir de Felicidade.

Coimbra, Abril de 909.

Fernandes d'Almeida

Tocam ás Ave-Marias, o meu amor vai orar: pedir a Nosso Senhor p'ra nunca nos separar.

Porto.

Ocirue.

Postaes femininos

Roubei-te um beijo! não digas a ninguém que sou ladrão! foi somente um beijo d'alma que guardo no coração.

Porém, eu sou generoso o beijo quero entregar, depô-lo na mesma face onde ousei il-o roubar.

Ovar.

DO GENIO.

Correio da casa

ESMERALDA—Acabou o stok de pensamentos que V.

Ex.^a teve a gentileza de nos enviar.

Cá estamos à espera de nova remessa.

EUGENIA—Querera V. Ex.^a escutar um conselho? Conhecemos perfeitamente o frescor da idade de V. Ex.^a e aterra-nos o pendor do seu espirito para se entregar à contemplação de espectaculos funebres.

Olhe: não se deixe influenciar tão cedo das coisas tristes, miseraveis e ascorosas da vida.

Os ultimos momentos d'um fisico, agonizando dispenetico sobre um feixe de «palha fétida» «como um cão pustulento atirado para o monturo», como é que puderam prender os cinco sentidos de V. Ex.^a?

E que satânico prazer achou V. Ex.^a na sua narração pormenorizada e crua?

Não será isso de molde a causar-lhe tédio e horror?

A alegria das rosas, os hymnos da natureza, os encantos do amor, a fé e a esperança—a luz e o azul da existencia—essas sim é que deviam ser outras tantas adoráveis fascinações para o espirito juvenil de V. Ex.^a

Inspire-se d'esses bellos assumptos; e, quando a dôr tiver de ser retratada pela sua penna, lembre-se que o fim da arte é despertar sentimentos nobres na nossa alma, eleva-la, illumina-la, embelleza-la, e não enche-la de tédio ou de horror, que são as suas trevas, a sua noite cerrada.

E' isto que nos apressamos a dizer-lhe para ver se ainda evitamos que transvie o seu talento e uma velhice precoce não surprehenda o seu espirito.

*
* *

Temos em nosso poder varios originaes que só no numero proximo poderão sair.

Bilhetes postaes

Recebemos do nosso amigo Silva Cerveira, por elle editada, uma linda colleção de 10

bilhetes postaes illustrados com assumptos da nossa costa do Furdouro.

São muito interessantes e d'uma execução nitida.

Cremos prestar aqui uma boa noticia aos nossos leitores informando-os de que essa linda colleção se encontra à venda no estabelecimento d'aquelle nosso amigo, à Praça, ao preço de 20 reis cada postal.

Agradecemos a offerta recebida.



QUADRO D'HONRA

Arnaldo D. Silva	Estarreja
Arnobio	»
Joteba	Porto

Decifrações do numero 6 da «Perola»:

3. Cova, Ovar, vade, ares; 4. Rosa, Ovar, sara, arar; 5. Moquem; 6. Sardachata; 7. Camello; 8. Recreação; 9. Epico; 10. Orate; 11. Apanagio; 12. angiporto; 13. Nuno; 14. Cynosura; 15. Palmella-Pamellão; 16. Darga-Carga; 17. Perola; 18. Benida, Benabinadab; 19. Saude a todos os charadistas da Perola.

Decifradores:

Arnaldo Duarte Silva os n.^{os} 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 15, 16, 17 e 19 (total) 13—Arnobio os n.^{os} 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 15, 16, 17 e 19 (total) 13—Joteba—3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 15, 16, 17 e 19 (total) 13—Porquinho os n.^{os} 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 16, 17 e 19 (total) 12.

Em verso

1 Pousada nas petalas d'uma rosa
Esvoaça a colorida mariposa,
E com frescor 2
D'aquella deliciosa planta 1
Se levanta
E pousa n'outra virente flor.

Rei Pum.

A Perola

Combinada por syllabas (Arte nova)

A Eurico de Souza
 2 a 1.^a * te—argola
 a 2.^a * a—serpente do Brazil
 a 3.^a * ar—accender
 Sobrinho do Papa

Hermogenes.

Em phrase

3 A ave encontrou no jogo o
 servente de sachristia 2 2

Fanny

(Ao meu amigo José Pereira Moia)

4 Este arbusto junto d'um ou-
 tre transforma-se n'uma planta 3 2

Ao distincto charadista Joteba

5 A proposição n'esta planta re-
 duz-se a um antidoto 2 2

Rei-Negro.

Ao vencedor do concurso

6 No chapen de côco havia um
 contador 2 1

7 Esta letra para separar cava-
 los é um gabão oriental 4 2

Anidem.

8 Que me dizem, se eu lhes
 disser que na caverna está o pei-
 xe a comer feijão? 2 3

9 N'aquella morada apanhei um
 peixe que fez acto 2 2

República.

10 Tenho tanta energia, que sou
 capaz de ir, durante o espaço de
 tempo comprehendido do nascer
 ao pôr do sol, embarcar n'uma
 canoa 2 2.

E. de Souza.

11 Com a arma do preto matei
 um peixe 2 1

Odeveza.

12 Homem! a plebe é dos ser-
 vos 1 2

13 O homem estouvado tem a
 ave 2 2

Porquinho.

Homonymica

Com duas decifrações

(Offerecida ao filustre collega e amigo Rei
 Pum)

13 Passarinho tão formoso
 Que entre nós é bem vulgar
 Solta o vôo e mui garboso
 N'uma planta vae pousar. 4

Rei Ltz.

Epenthesada

14 O filho de Jectan foi devo-
 rado por um reptil 2 3

Rei Ltz.

Paragogicas

15 Este peixe serve para apla-
 nar 2

16 O sustento é para este ho-
 mem 2

Neblina
 Syncopeada

17 O povo indigena da America
 do Norte é uma consignaço de
 tempo em que alguma coisa se
 faz 2

18 O asylo sustentase com a nossa
 generosidade 2

Arnobio.
 Biforme

19 Um navio qualquer é feito
 de madeira 2

Em retribuicao ao illustre collega Rei-Liz

20 Um peixe parecido com o
 corvo 3

Logographo rapido

Em retribuicao ao illustra Joteba

1 2 3 4 5 6
 No corpo concede

Terra Portugueza 3

Fuinha.

Nova loja de fazendas

DE MANOEL ALVES CORREIA

Rua da Graça

OVAR

N'este novo estabelecimento encontrará o publico um variado sor-
 tido de fazendas, taes como:

Pannos crús, riscados, pannos patentes, mo-
 rins, o que ha de melhor, ultima novidade em
 flannels d'algodão, sephires setinetas, o que
 ha de mais chics: Cobertores d'algodão, guarda-
 soes para homem e senhora, de fina sêda e al-
 paca, bengalas (novidade). Um saldo de phan-
 tazias ou castelletas e bem assim um grande
 sortido para a estação de verão em cazemiras e
 cheviotes para factos d'homem, colletes de
 phantazia, etc., etc.

Tudo por preços baratissimos!

MACHINAS DE COSTURA

As machinas de costura «Original» de Frister
 Rossmann, rivalisam com todas as outras. Ha
 tambem machinas SINGER e accessorios para as
 mesmas, a preços muito resumidos.

Unico depositario em Ovar—Americo Peixoto

Concertos gratis a todas as machinas compradas n'esta casa

Machinas de costura

As machinas de costura
 de original *Ideal*, são as
 melhores; tanto para coser,
 como para bordar.

Estas machinas são as
 mais distinctas que se fabri-
 cam na America.

Unico depositario em Ovar.

Ludgero Peixoto



Officina de calçado

de

Manoel Rosas

Travessa da Fonte—Ovar

Officina de Carpintaria e Marcenaria

de

José Rodrigues Faneco

Rua dos Ferradores—Ovar

A PEROLA

Jornal litterario—quinzenal

Anno 4

Quinta feira 29 de Abril de 1909

N.º (23)-7

Snr.